

ARTE RUPESTRE NA AMAZÔNIA

Notas sobre um manuscrito

Edithe Pereira

SCT/CNPq/MPEG/Dept^o Ciências Humanas

ABSTRACT

This work presents commentaries relative to the origine and importance of a document found in the Arquivo Público do Pará. This document informs about the existence of rock art in the Oyapoque region, in the French Guayana.

RESUMO

Este trabalho apresenta comentários relativos a origem e importância de um documento encontrado no Arquivo Público do Pará. Este documento informa sobre a existência de gravuras rupestres na região do Oyapoque, Guiana Francesa.

KEY WORDS: Rock art, Archeology, Amazonic prehistory.

PALAVRAS-CHAVES: Arte rupestre, Arqueologia, Pré-história Amazônica.

A região Amazônica possui grande quantidade de locais com pinturas e gravuras rupestres. A maioria das informações sobre a ocorrência destes vestígios foi deixada, principalmente por cronistas, religiosos, viajantes e naturalistas que percorreram a região durante os séculos XVII, XVIII, XIX e primeira metade do século XX.

Algumas dessas informações, como as de Hartt (1895) sobre as pinturas de Monte Alegre Spix & Martius (1938) sobre as gravuras do rio Japurá e de Wallace (1977) sobre as gravuras do rio Negro são rupestre amazônica; outras, como as gravuras do rio Pacajá (Mayor, 1914) e as gravuras do rio Ipitanga (Aguiar, 1942), são menos conhecidas, porém não menos importantes (Pereira, 1990).

Contudo, entre as diversas fontes de informações, uma se destaca por se tratar de um documento original. Trata-se do registro feito pelo Capitão Pinto de Gaya, em 1728, sobre gravuras rupestres na região do Oyapoque, na Guiana Francesa, no local conhecido como monte D'Argent (Figura 1).

A origem desse documento está relacionada com a questão de limites de fronteira entre a então Capitania do Grão Pará e a Guiana Francesa. Baena (1969:144), em 1846, relata com detalhes a situação histórica que dá origem a esse documento.

No entanto, a primeira alusão a este documento, como registro de local com gravuras rupestres é feita, na segunda metade do século XIX, por Charles Hartt no trabalho "Brazilian rocks inscriptions"¹. Nesse trabalho Hartt afirma ter recebido de Ferreira Penna o manuscrito e os desenhos originais referentes as gravuras do Oyapoque.

Ainda no século XIX as gravuras rupestres do Monte D'Argent voltam a ser mencionadas, desta vez por Jules Crevaux que visitou, durante o ano de 1878, a região do Oyapoque. Através de uma freira Crevaux soube da existência das referidas gravuras rupestres (Anexo 2).

¹ "Este trabalho foi publicado no Brasil em 1895 pela Revista do Instituto Archeologico e Geográfico de Pernambuco com título de "Inscrições em rochedos do Brasil".

Na literatura arqueológica do século XX encontram-se rápidas menções sobre as gravuras do Monte D'Argent sendo que todas elas estão baseadas nas informações deixadas por Hartt e Crevaux. Dentre esses trabalhos citamos os de Carvalho (1909), Rostain (1987) e Rostain & Le Roux (1990).

Em 1990 encontrei no arquivo fotográfico da Comissão Brasileira Demarcadora de Limites - 1^o Divisão (Belém - PA) a reprodução do texto e dos desenhos do Monte D'Argent deixados por Pinto da Gaya². No entanto não há, neste arquivo, qualquer informação sobre o que é mostrado nas fotos nem a respeito da localização dos originais.

O documento original foi redescoberto em 1991 pelos técnicos do Arquivo Público do Pará quando processavam a higienização do Códice n^o 1023 - Miscelânea/Manuscritos Diversos de 1681-1801.

A existência, no Arquivo Público do Pará, do relatório e dos desenhos originais das gravuras rupestres do Monte D'Argent feitos em 1728 pelo Capitão Pinto da Gaya, faz deste documento um dos mais importantes para a arqueologia amazônica. Esta importância é traduzida não só pela antiguidade da informação e conservação do documento em si mas por ser o ser o único registro conhecido dessas gravuras rupestres.

Considerando a importância deste documento para o conhecimento da arte rupestre da Amazônia é que transcrevemos o relatório do Capitão Pinto da Gaya (Anexo 1) e reproduzimos os desenhos originais (Figura 2) que acompanham esse relatório (Figura 3). A título de complemento transcrevemos os comentários de Charles Hartt e Jules Crevaux sobre a origem do referido documento (Anexo 2).

²Essas fotos encontram-se nos álbuns n^o 6 e 9 do Arquivo fotográfico da Comissão Brasileira de Limites - 1^a Divisão (Belém - PA).

* Gostaria de expressar meus agradecimentos a Márcio Meira pela informação da existência, no Arquivo Público do Pará, do documento em questão e pela transcrição do mesmo; a Nazaré Ramos pela colaboração e apoio durante a pesquisa no Arquivo Público do Pará e a Orlando Moraes pelo apoio durante a pesquisa na biblioteca da Comissão Brasileira Demarcadora de Limites - 1ª Divisão (Belém - PA).

ANEXO 1

“Termo de vistoria que mandou fazer o Capitão Comandante Diogo Pinto da Gaya as pedras do Monte chamado Darjon que se acham na boca do rio de Vicente Pinzon.”

“Aos dez dias do mes de junho do ano de nascimento do N. S. Jesus Cristo de 1728 anos estando o comandante encima do Monte Chamado Darjon onde se achavam as pedras riscadas e por ele dito aos soldados que haviam ao capitão João Paz do Amaral e a Fernando de Mello Palheta Cabos da Guarda Cqsta que os anos atraz haviam chegado aquele Monte onde se achava as pedras (original danificado) vistoria = se eram aquelas as próprias pedras dos marcos que eles haviam visto ao que eles responderam que sim (original danificado) ouvido pelo comandante ordenou que se fizesse exame tirando ao risco de cada uma pedra distinta para o que nomeou o soldado Damazo Botilhas fizesse esta diligência em sua presença e se achavam ser umas pedras que foram riscadas e com bem de riscos como mostra a pintura delas. Verá effigiez (original danificado) mais que nenhuma das ditas pedras mostrava ser lavrada nem típicas por serem de sua natureza criados no coração daquele Monte e os ha no coração da terra e nao se convinha mais e de tudo mandou o Comandante fazer este termo e eu Damazo Botilho Ramos (original danificado) Diogo Pinto da Gaya, Joao da Costa Sintra.”

ANEXO 2

“Reza a tradição que Bento Maciel, primeiro donatário da antiga Capitania do Cabo Norte, plantou marcos fixando as fronteiras entre a sua capitania e a Guyana Francesa; porém esses marcos, quando depois surgiu a questão de limites, não puderam ser encontrados. Em 1721 o Capitão Joao Paes do Amaral, que estava a serviço no norte, referiu telos descoberto no rio Oyapoque. Tão importante foi essa notícia que o Governador do Pará imediatamente mandou o alferes Palheta com um destacamento para apresentar um relatório sobre a descoberta. Essa expedição foi mal sucedida e em 1728 enviou-se outra, sob o comando do Capitão Pinto da Gaya. Esse Capitão descobriu os suppostos marcos no cimo de um outeiro, chamado Mont D'Argent, e ficou desapontado de nada mais achar além de desenhos de índios. Elle os copiou cuidadosamente com tinta e submetteu-os ao conhecimento do governo acompanhando-os do seu relatório” (Hartt, 1895-308).

“Uma freira de Cayena, para quem eu mostrei as gravuras de antigos índios do Maroni, me disse ter encontrado desenhos parecidos sobre as rochas do Monte D'Argent. Sem dúvida uma dessas pedras tem intrigado os portugueses no momento que eles procuram os argumentos para fazer valer seus direitos sobre o território localizado entre a Amazônia e o Oyapoque. Nossos vizinhos pretendiam ter encontrado uma pedra gravada, um antigo marco de limites sobre os quais eles reconheciam as armas de Charles V. Uma comissão franco-portuguesa chamada a examinar este monumento só encontrou figuras bizarras de um povo civilizado. Nós acreditamos que os desenhos desta pedra não tem outra significação que aquela que nós encontramos no Maroni” (Crevaux, 1887:145).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, B.D. 1942. Nas fronteiras da Venezuela e Guianas Britânicas e Neerlandezas de 1930 a 1940. **Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia.**

CARVALHO, A. 1909. **Préhistória Sulamericana.** Revista do Instituto Archeológico e Geográfico de Pernambuco, 47:301-310.

HARTT, C.F. 1871. **Brazilian rocks inscriptions.** American Naturalist 5 (3), p. 139-147.

HARTT, C.F. 1895. Inscricões em rochedos do Brasil. **Revista do Instituto Archeológico e Geográfico de Pernambuco,** 47:301-310.

MAYOR, J.S. 1914. Diário da jornada que o Pe. João de Sotto Mayor fez ao rio Pacajá em 1656. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,** vol. LXXVII, parte II. Pio de Janeiro.

PEREIRA, E. 1990. **As gravuras e pinturas rupestres no Pará, Maranhão e Tocantins - Estado atual do conhecimento e perspectivas.** Dissertação de Mestrado. MS Inédito. Universidade Federal de Pernambuco. Recife.

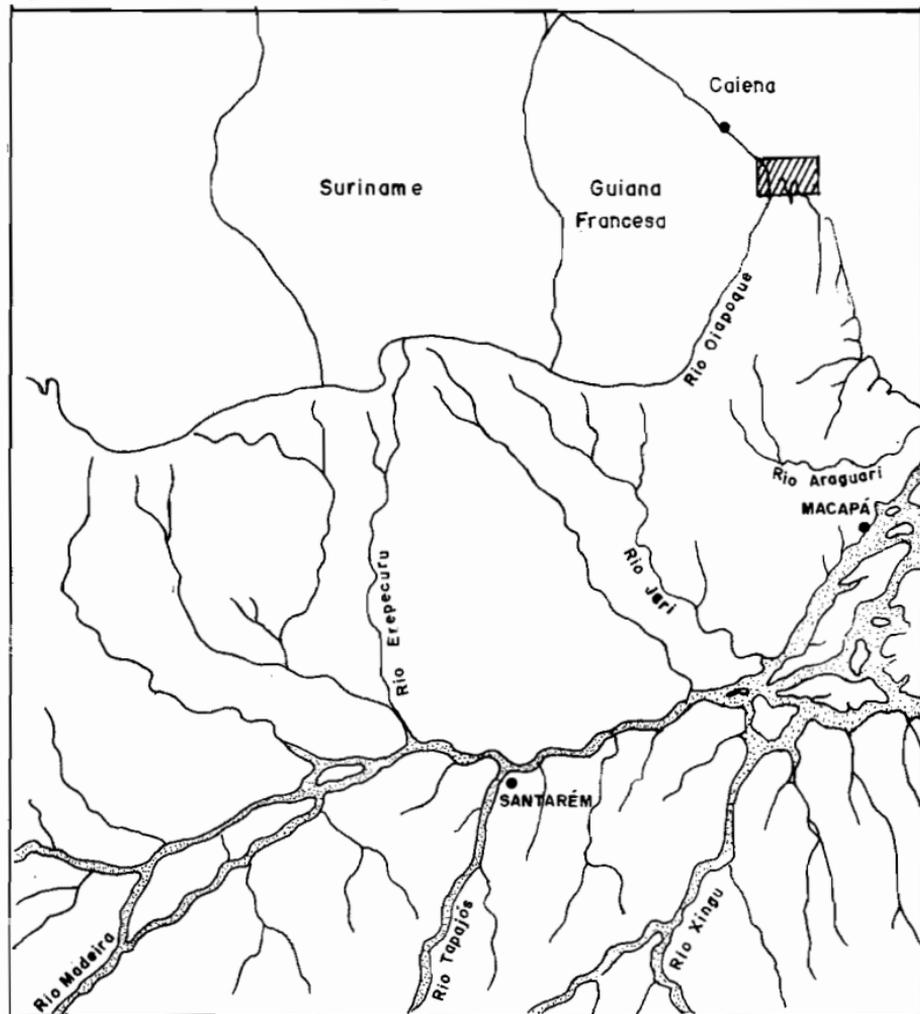
ROSTAIN, S. 1987. Roches gravées et assemblagen de pierres en Guyane Française. **Equinoxe, Revue de Sciences Humaines du CEGER (Cayenne),** n^o 24, p.35-69.

ROSTAIN, S. & LE ROUX, Y. 1990. La recherche archeologique en Guiana Française. IN: **SAGA. La Documentación Guyanaise.** Cayenne.

SPIX, J.B.V. & MARTIUS, C.F.P. 1938. **Viagem pelo Brasil.** 3^o Volume. Rio de Janeiro.

WALLACE, A.R. 1979. **Viagem pelos rios Amazonas e Negro**. Coleção Reconquista do Brasil, vol. 50. Universidade de São Paulo. São Paulo.

Figura 1- Localização do Monte D'Argent.



sem escola

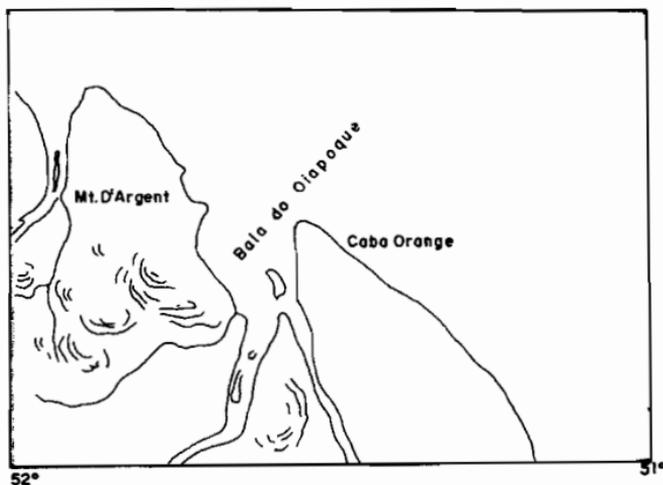


Figura 1 - Localização do Monte D'Argent

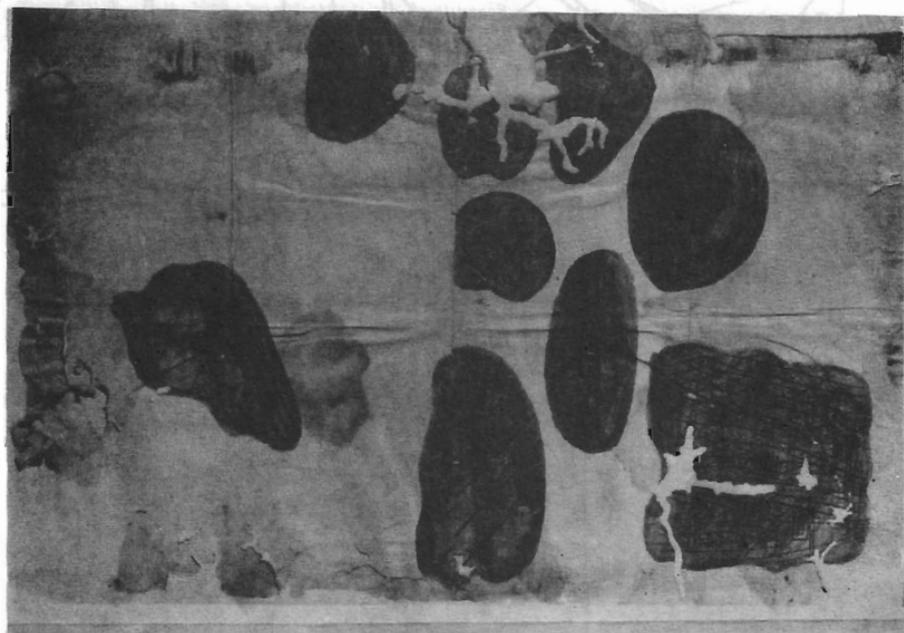
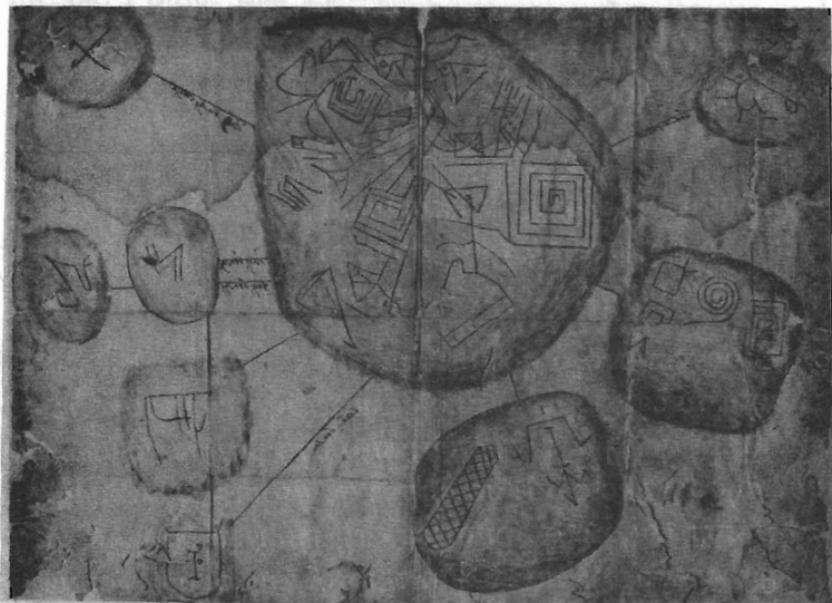


Figura 2 - Desenhos originais das gravuras existentes no Monte D'Argent.

